Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 11, n. 4, p.492-494, out./dez. 2014..... http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2014v11n4p492

BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. *Gênero*: história, teoria, pesquisa, ensino. Tradução Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013. 285 p.

Monique Alves Vitorino*
Universidade Federal de Pernambuco

A compreensão do conceito de gênero textual vem ganhando espaço nos mais variados campos de estudo da escrita e da produção de sentidos. Conforme estes campos se desenvolvem ao longo dos anos, novas abordagens são criadas, aprofundadas e firmadas, aumentando o leque de caminhos que o estudioso da linguagem pode seguir na busca do entendimento do fenômeno comunicativo humano. A riqueza desse conceito se pauta, contudo, na compreensão de gêneros, não como categorizações de tipos de textos, mas como modos retóricos de (inter)ação social, ampliando a noção para uma visão que liga "variedades de textos a variedades de ação social" (p. 15). Assim, abordagens de gêneros têm servido de base para a pesquisa e o ensino da escrita em toda parte do mundo, em uma tendência cada vez mais interdisciplinar, representada por áreas como teoria literária, linguística, retórica, análise crítica do discurso, educação e sociologia.

Na intenção de apresentar uma visão geral dos estudos de gênero feitos mundo afora, Anis Bawarshi e Mary Jo Reiff, professores da Universidade de Washington e da Universidade do Tennessee-Knoxville, respectivamente, traçam em *Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino* um amplo panorama do desenvolvimento dos diversos campos conceituais em gêneros textuais, divididos por linhas e tradições teóricas. Sob os pontos de vista histórico, teórico e pedagógico, os autores oferecem uma introdução e dez capítulos, que são divididos em três partes, acompanhados de um pertinente glossário e uma importante bibliografia comentada. Tudo isso é brilhantemente prefaciado por Charles Bazerman, um dos nomes mais relevantes da atualidade na área.

A introdução, capítulo 1 do livro, já situa o leitor no panorama a ser apresentado, enfatizando o desenvolvimento que a forma de pensar gêneros e textos teve nos últimos trinta anos. Isto é, salienta-se a mudança de paradigma que teve importância significativa no estudo e no ensino da escrita quando se passou das concepções de gênero como categorias de tipos textuais para as concepções que ligam os gêneros a variedades de ação social. "Essa concepção reconhece que os gêneros *tanto* organizam *como* geram espécies de texto e ações sociais numa complexa e dinâmica relação recíproca" (p. 16, grifo dos autores). Agora, com essa perspectiva dinâmica, ao invés de se descreverem os traços formais dos gêneros, é possível perguntar: de que maneira os traços formais "existem do jeito que existem", ou seja, como estão em função de propósitos sociais e de modos de ser e conhecer relacionados a tais propósitos?

Essa nova maneira de conceber a compreensão de gênero, tanto na pesquisa como no ensino, tem, nas diversas abordagens, diferentes fundamentos, recursos teóricos e respostas pedagógicas. Buscando detalhar essas diferenças, a parte 1, *Retrospectiva histórica e teorias de gênero*, traz as bases teóricas da pesquisa em gêneros, apresentando as principais correntes nas quais podem ser localizados perspectivas, conceitos e autores. Tais correntes são desenhadas a partir das tradições literária, linguística e retórica e sociológica. Assim, são destrinchados os fundamentos das teorias de gênero do ponto de vista da linguística sistêmico funcional, da linguística de *corpus*, do inglês para fins específicos e dos estudos retóricos de gêneros. Acerca dessa última abordagem, fica fácil perceber que os autores, identificados com a tradição retórica e sociológica, fornecem mais detalhes e demonstram mais desenvoltura ao dedicarem a esta dois dos cinco capítulos da primeira parte.
Finalizando a parte 1, no penúltimo capítulo, os autores apresentam um tópico referente ao que eles denominam como a "síntese brasileira", associando seu desenvolvimento às influências francesa e suíça de estudos de gêneros, especificamente, ao interacionismo sociodiscursivo (ISD) de Bronckart, Dolz e Schneuwly. Ao identificar a pesquisa de gêneros feita no Brasil, Bawarshi e Reiff destacam a compatibilidade entre as tradições linguística, retórica e sociológica e o ISD vista pelos brasileiros, e não encontrada nos estudos retóricos norte-americanos. Além disso, chamam atenção para como sintetizamos várias tradições: "[...] as tradições francesa e suíça da pedagogia de gêneros, as tradições filosóficas europeias, a análise crítica do discurso, a tradição de gêneros da linguística sistêmico-funcional, o inglês

* Doutoranda em Letras. E-mail: moniquevitorino@gmail.com.

para fins específicos e os estudos retóricos de gêneros" (p. 101). Ou seja, para os autores, a pesquisa sobre gêneros e seu ensino feita no Brasil merece destaque por exemplificar como uma síntese de múltiplas tradições interconectadas pode ampliar a visão dos gêneros em seu funcionamento e ensino.

Na parte 2 do livro, intitulada *Pesquisa de gêneros em contextos múltiplos*, Bawarshi e Reiff intensificam a revisão da literatura que já vinha sendo bem explorada na primeira parte, resenhando inúmeros trabalhos recentemente desenvolvidos por pesquisadores de gênero em diversos contextos. Em outras palavras, o leitor terá em suas mãos um "*corpus* internacional de pesquisa empírica sobre gênero" (p. 137). Aqui, o interessado pode encontrar nos três capítulos boas referências de leitura para iniciar sua pesquisa dentro das várias esferas da comunicação diária.

Dessa maneira, explorando empiricamente o funcionamento dos gêneros como lugares de interação, os estudos citados nos capítulos que compõem esta segunda parte buscam acessar as ações dos participantes na academia, no trabalho e nos contextos públicos, a fim de entenderem como os usuários dos gêneros estruturam as atividades, produzem informação, representam a si mesmos, enfim, como se relacionam com as instituições de poder. Sem fazer maiores críticas ou emissão de juízos, os autores ressaltam, sobretudo, a contribuição de tais estudos para a própria pesquisa, na identificação de questões, no desenvolvimento de métodos de coleta de dados e no teste de noções teóricas ligadas à interação entre textos e contextos sociais.

Abordagens de gênero no ensino da escrita é do que trata a parte 3. Neste momento do livro, os autores chegam à discussão prenunciada no decorrer dos demais capítulos, evidenciando o que parece ser, para eles, o destino (mais importante) das teorizações e pesquisas em torno das tradições que moldaram nossa compreensão de gêneros textuais: o ensino da escrita. Os dois capítulos em que se divide essa parte, além de amarrarem o debate em torno do que já foi apresentado, trazem métodos de análise, modelos de pedagogias, diretrizes para observação e descrição e questionamentos acerca do gênero e das ações que se realizam por meio dele, enriquecendo ainda mais o complexo suporte oferecido pela obra.

Esses dois últimos capítulos discutem como a pesquisa pode embasar as práticas de sala de aula, guiando a aprendizagem sobre os gêneros e, também, a aprendizagem por meio deles. Nesse ponto, vale ressaltar do capítulo dez, a discussão acerca de pedagogias explícitas e implícitas de gêneros, cujas implicações promovem divergências. O desafio é como criar uma possibilidade de ensinar explicitamente gêneros em sala de aula, fora de seu contexto de uso, porém, preservando sua complexidade. Alternativas são apresentadas, as quais consideram modelos interativos de ensino, o que parece solucionar as questões levantadas. Aqui, a abordagem desenvolvida no Brasil é citada mais uma vez como um modelo de sucesso, que sintetiza pedagogias implícitas e explícitas com visões cognitivas textuais e sociais aplicadas às conhecidas "sequências didáticas". Além dessa experiência, os estudos retóricos de gêneros são igualmente apresentados como uma perspectiva que oferece boas respostas aos diferentes anseios decorrentes do ensino da escrita.

Os gêneros medeiam a comunicação. Compreendê-los em seu próprio campo de circulação é uma condição para o sucesso na área. E *Gênero...* oferece instrumental para a apropriação dos conceitos e termos que os principais pesquisadores desse campo de estudos lançam mão, tornando-se um guia de referência. Entretanto, embora possa ser apontada uma lacuna quando se trata dos gêneros da fala, os autores deixam claro em muitos momentos que seu olhar está voltado ao estudo e ao ensino da tradição escrita.

Outra questão que pode surgir é que os autores mais apresentam e relacionam temas, sem muito compromisso com a discussão e o aprofundamento críticos. Porém, nota-se que as perspectivas são apresentadas de maneira democrática, numa tentativa de elencar trabalhos relevantes em cada abordagem, constituindo-se (o livro) num grande manual, cabendo ao leitor o posicionamento crítico na seleção da melhor ferramenta de análise e/ou ensino dentro de seus interesses particulares.

A forma como Bawarshi e Reiff conduzem o texto, apresentando didaticamente conceitos e pesquisas realizadas na área, convida os leitores iniciantes no tema a conhecerem um campo fértil de pesquisas sobre a sociedade tendo o gênero como norte. Por outro lado, o texto fornece importantes referências para o pesquisador dotado de objetivos bem definidos. A impecável tradução do Professor Doutor Benedito Gomes Bezerra, linguista com ampla experiência na pesquisa em gêneros textuais, casa com a coerência que permeia toda a obra. *Gênero...* é leitura obrigatória, portanto, para escritores, estudantes, professores e pesquisadores da escrita interessados em explorar as possibilidades acadêmicas e pedagógicas nesse campo.

Recebido em 29/07/2014. Aprovado em 22/05/15.